

O Amigo do Povo

ASSIGNATURAS
Serie de 12 numeros . . . 2\$000
(Pagamento adiantado)

Toda a correspondencia deve ser dirigida a NENO VASCO
RUA GUILHERME MAW, 38 — S. PAULO — BRAZIL

PUBLICA-SE AO SABBADO

IMPORTANTE

Por inconvenientes typographicos e difficuldades de redacção e de administração, **O Amigo do Povo** continua, por algum tempo, a publicar-se quinzenalmente. Esperando torna-lo em breve semanal, contamos para isso com o decidido apoio dos camaradas.

A assignatura passa a ser por serie de numeros, para evitar que os assignantes sejam prejudicados.

O que queremos

A oppressão que mais directamente pesa sobre os trabalhadores e que é a causa principal de todas as sujeições moraes e materiaes por elles soffridas é a economica: a exploração praticada sobre os trabalhadores pelos patrões e pelos commerciantes, graças ao monopolio de todos os grandes meios de producção e de troca.

Para radicalmente a supprimir, necessario se torna que o povo todo seja convencido do direito que tem ao uso dos meios de producção, e que ponha em accção esse direito primordial expropriado os detentores do solo e de todas as riquezas sociaes e pondo um e outras á disposição de todos.

Mas como o povo é ainda incapaz de proceder a essa expropriação, o que devemos fazer é prepara-lo, moral e materialmente, para ella, e tenta-la e tornar a tenta-la, sempre que nos seja fornecido ensejo por um abalo revolucionario, até ao triunfo definitivo. Mas como preparar o povo? como preparar as condições que tornem possível, não só o facto material da expropriação, mas a utilização, em proveito de todos, da riqueza commum?

A simples propaganda, falada ou escripta, já o dissemos, é impotente para conquistar para as nossas idéas toda a grande massa popular. É indispensavel uma educação pratica que seja alternadamente causa e effeito d'uma gradual transformação do ambiente. Convem que á medida que se desenvolvam nos trabalhadores o sentimento da revolta contra os injustos e inúteis soffrimentos de que são victimas, e o desejo de melhorar a propria condição, elles lutem, unidos e solidarios, pelo conseguimento do que desejam.

A vantagem principal da luta pelos melhoramentos reside na luta em si. Os operarios aprendem a occupar-se dos seus interesses de classe, aprendem que o patrão tem interesses oppostos aos seus, e que só unindo-se e tornando-se mais fortes que os senhores é que podem melhorar as suas condições e por fim, emancipar-se. Se con-

seguem obter o que pretendem, melhor ficam: ganharão mais, trabalharão menos, terão mais tempo e força para reflectir no que lhe interessa, e sentirão depressa desejos maiores, maiores necessidades. No caso contrario, serão levados a estudar as causas do mallogro e a reconhecer a necessidade de maior união, de maior energia e acabarão por comprehender que para a victoria completa, definitiva, é indispensavel destruir o capitalismo.

Mas os trabalhadores poderão realmente, melhorar as suas condições no actual regimen capitalista? Depende do concurso de innumerias circumstancias.

Se, contra o que pretendem alguns, não existe uma lei que determine a parte que toca ao trabalhador do producto do seu trabalho, nem por isso deixa de ser evidente que o salario ha-de oscillar entre o indispensavel á vida e o que nenhum ganho deixaria ao patrão. Entre esses extremos, porem, ha uma infinidade de graus, que vão desde as condições selvagens da maior parte dos trabalhadores agricolas até ás quasi decentes dos operarios de certos officios nas grandes cidades.

O salario, a duração do dia de trabalho e todas as outras condições do trabalho são o resultado da luta entre patrões e trabalhadores. Onde os operarios com tudo se contentam ou não sabem resistir, em breve são reduzidos a condições animalescas de vida; onde succede o contrario, são tratados d'um modo relativamente supportavel. De maneira que, até certo ponto, pode dizer-se que o salario é o que o operario pretende, como classe. De certo modo os trabalhadores podem, lutando, resistindo, impedir o aggravamento do seu mal-estar e ainda obter reaes melhoramentos. Demonstra-o a historia do movimento operario.

Não exaggeremos, porem, o alcance d'esta luta. Se os operarios começassem (e é urgente que comecem) a fazer exigencias que absorvessem todo o lucro dos patrões, estes chamariam em seus auxilio o governo, que com a violencia, procuraria fazer voltar os operarios ás suas posições de escravos do capital.

Os operarios tudo produzem e sem elles é impossivel viver; se recusassem, portanto, trabalhar, poderiam impor tudo o que quizessem. Mas a grève geral, seguida da expropriação, seria a Revolução Social, e para ella se trabalha. Esperando, a grève parcial — as mais das vezes bem parcial, visto ser difficil a união de todos os trabalhadores, mesmo d'uma só profissão e d'um só paiz que seja — não é de grande efficacia. A união dos proletarios oppõe-se a dos patrões, que, ao contrario d'aquelles que precisam de ganhar o pão dia a dia,

têm ás ordens, por meio do dinheiro, todos os productos já accumulados e assim podem tranquillamente reduzir pela fome os seus salariados. A invenção ou introdução de novas machinas, augmentando o exercito dos desoccupados; a immigração, abaixando, pela concorrência, os salarios, nos paizes onde estes eram mais remuneradores, etc. — tudo isso, que deriva do systema capitalista, contrabalança o progresso da consciencia e da solidariedade operarias; muitas vezes caminha mais depressa que esse progresso, detem-n'o e destroe-o.

D'ahi resulta, para os operarios que buscam emancipar-se ou apenas melhorar seriamente as suas condições, a necessidade de defenderem-se contra o governo, que legitimando o direito de propriedade e sustentando-o com a força brutal, constitue em frente do progresso, uma barreira, que com a força é preciso destruir, se não se quer ficar indefinidamente no estado actual ou ainda peor.

Continuaremos.

Hoje indignamo-nos quando nos falam da escravatura antiga, dos servos da Idade Media. Pois bem: no futuro a idéa do salario será considerada tão vergonhosa como a escravatura e a servidão.

MILLERAND

A transformação libertaria

(Conclusão)

Provada, como parece estar, a integração dos phenomenos sociaes, os os *remueurs* de idéas, ou por outra, nós, gigantes que nos precederam na luta e que revendo a historia humana, nas suas generalidades e, tambem, especialidades, arrancaram á natureza, aos phenomenos, o segredo da sua genese, e desenvolvimento, comprehenderam a necessidade de refundir de *fond en comble* toda a sociedade, desde os caboucos até aos ornatos mais delicados da sua cupula.

É a esta transformação radical, integra, que nós chamamos a transformação libertaria, dado que a base da sociedade a edificar será a liberdade, na maior grandeza da sua acceção.

Começando por negar todas as instituições sociaes do presente, — o que nos tem acarretado o epitheto de simples negativistas — edificamos conjunctamente, apresentando a traços largos a sociedade futura.

Na ordem economica, fazendo a historia critica das instituições proprietarias chegamos a concluir que a miseria e todos os seus productos são obra do monopolio da propriedade na mão de classes privilegiadas e que só n'um estado social em que ninguem tenha o superfluo e todos tenham para viver, segundo o seu temperamento, os seus habitos, é que a felicidade material existirá.

Assim, pregando a abolição do individualismo proprietario, reconhecemos a necessidade da propriedade commum, em que todos usando e ninguem abusando, a vida esteja garantida aos seres que existem sobre a terra.

Na politica, pela analyse detalhada das suas instituições, chegamos a não comprehender a existencia da auctoridade, entrave á expansão individual — unica garantia do progresso — e eterna perturbadora do funcionamento regular das sociedades livres.

A auctoridade — garantia, a auctoridade — ordem, são velhas perlangas que já não convencem ninguem. O homem não precisa de nenhum outro homem a guial-o, em nome dos interesses sociaes.

Ninguem pratica voluntariamente actos bons ou actos maos. A sciencia moderna, essencialmente determinista, prova-o exuberantemente. Os actos humanos são resultados das mais diversas manifestações da natureza. Quando se pratica um acto bom ou mau é porque, fatalmente se é determinado a pratical-o. O odio ou a repulsão, a tal individuo ou a determinado objecto, tem origem na propria existencia d'esse individuo ou d'esse objecto. Se os segundos não existissem, não existiriam os primeiros. Querer, pois, determinar os actos ou o pensamento de milhões de individuos, pelos actos ou pensamentos d'um legislador, seria simplesmente infantil, se não tivesse as peores consequencias sociaes. A lei que procura regularisar uma questão ou que procura determinar os actos dos individuos é absurda, e, conseqüentemente, são absurdos os mantenedores d'essas leis.

Temos que devendo o individuo ser livre na esphera social a auctoridade foi uma bella inutilidade, transformada, mais tarde, num requintado instrumento de oppressão.

Assim, proclamamos a substituição do principio da auctoridade pelo do *accordo mutuo* entre os individuos e pela solidariedade da especie, sentimento que deve unir todos os individuos de uma cadeia animal.

Na ordem moral, observando todas as religiões, todas as explicações theogonicas, toda a sciencia biblica, com bases assentes na creença do sobrenatural, collocamol-as de lado e usamos do methodo experimentalista que nos conduz ao materialismo scientifico.

Mergulhando o nosso espirito nas experiencias feitas, ou encontramos explicação dos phenomenos sociaes, ou recomegamos de novo, com tenacidade, com perseverança, até se encontrar a explicação desejada. Não acceitamos dogmas, não impomos dogmas. Para a theoria da unidade das forças physicas ser reconhecida universalmente como um facto incontroverso, não foi preciso elaborar um codigo ou publicar um decreto que nos forçasse a acceitar e reconhecer tal theoria. Foi sufficiente explical-a, esclarecel-a e ella entrou definitivamente no dominio da sciencia como uma verdade a que ninguem se oppoz. É assim que procedem os homens de sciencia. Ide a uma reunião de sabios de valor authentic! É tudo que ha de mais libertario. Nem votações, nem imposições. Apresentam-se argumentos, deduzem-se provas e os assistentes concordam ou não.

Ninguem se penalisa com a derrota, como ninguem se orgulha com a victoria. Estuda-se mais, observa-se mais, e quando a theoria não offerece duvidas, proclama-se. Ninguem se importou com o nome do triumphador, e só a humanidade teve a lucrar com o resultado de muitas vigílias, de muitas cancelas, de trabalhos inculcaveis.

No campo litterario, nunca se viu o decreto elevando Hugo, Tolstoi, Zola ou Nietzsche, como grandes escriptores. O poder intellectual d'estes homens é reconhecido universalmente sem necessidade de manifestações auctoritarias.

**

Dado este criterio libertario, nós procuramos reorganisar a sociedade *crean-*



do desde já o espirito livre que ha-de conduzir a humanidade á consciencia da sua missão.

As sociedades não caem subitamente. Como no individuo, a morte é precedida de qualquer depauperamento physico, assim na sociedade, qualquer transformação é preparada pela adaptação lenta e successiva das fórmulas sociaes que tendem a triumphar. Quando a aristocracia militar e guerreira foi batida até ao seu ultimo reducto pela burguesia, já esta tinha creado raizes profundas dentro da sociedade que procurava transformar, já tinha conquistado o direito de cidade; já conservava em pleno coração da sociedade aristocratica assuas instituições e o seu espirito doutrinario.

Quando as republicas conseguem triumphar já tem creado dentro da monarchia o seu espirito e as suas doutrinas.

Assim nós, não temos outro caminho a seguir. Elucidar os individuos, preparar a infancia, propagar o nosso crêdo pela persuasão, que encontra base na sciencia, e não pela violencia. O libertarismo ha de falar ao entendimento e apresentando o seu crêdo scientifico e social ha-de impor-se, como doutrina que aspira á felicidade. A transformação libertaria, terá, consequentemente que seguir a marcha de todas as outras idéas. E quando sentirmos a idéa, materialmente robustecida pela adhesão de grandes legiões, nesse dia estamos em vespera de plena victoria, pelo triumpho do nosso crêdo social.

JOSE DO VALLE

Ao povo.

Não compreis os chapéus da fabrica Diódatto Lemme, rua Visconde de Rio Branco, 70 (estabelecimento na ladeira de João Alfredo 22-A), porque assim auxiliareis os grevistas nas suas justissimas reclamações.

Momentos de sinceridade

Embotou-se a ponta revolucionaria das reivindicações sociaes do proletariado, para se lhes dar um matiz democratico.

Karl Marx

**

No partido da democracia social, no proprio grupo parlamentar, introduziu-se uma especie de socialismo *petit bourgeois* que é nocivo aos principios do socialismo moderno e á troca de todos os meios de produção em propriedade commum

Engels

**

Supponhamos que o Governo deixe de fazer uso do seu direito, ou convicto da sua força ou por calculo, e que cheguemos a constituir, como sonham alguns politicos socialistas, uma maioria social-democrata no Parlamento. Terá chegado o momento de reformar a sociedade e o Estado. Se a maioria resolve neste sentido, teremos triumphado? Longe d'isso, succederá que uma companhia de soldados expulsará do templo das leis a maioria socialista, e se esses senhores resistirem, quatro policiaes bastarão para os conduzir á cadeia.

Liebkenecht

**

Na sociedade socialista todos os meios de produção ficam concentrados nas mãos do Estado e nenhum modo de escolher. Os actuaes trabalhadores gosam hoje de mais ampla liberdade que aquê teriam com a sociedade socialista.

Kautsky

Os povos aprenderam á sua custa que o submettimento do homem ao homem é uma idéa falsa, uma theoria erronea, pernicioso tanto ao senhor como ao escravo. E todavia esta especie de systema social durou muitos milhares de annos, e grandes philosophos o defenderam; hoje mesmo, sob formas um tanto mitigadas, sophistas de todas as côres o sustentam e sublimam. Mas a experiencia está a terminar.

PROUDHON

Operarios!

Não trabalheis na fabrica Diódatto Lemme, de Matand, Sericchio & Comp. Se atraçoardes a causa dos vossos companheiros na miseria, atraçoareis a vossa propria causa.

SOCIALISMO A' COMTE

(Conclusão)

Individualistas sim, somos; sem embargo procuramos estreitar os doces vinculos da fraternidade universal.

Queremos tudo para todos; o que é a mais alta manifestação do ultruismo. Somos, pois, altruistas. Comtudo não deixaremos nas mãos de meia duzia o que pertence á totalidade; porque isto não é altruismo é imbecilidade.

Egoista, é a engrenagem social que te enthusiasma, com os seus juizes impertubavelmente maus, com as suas sombrias bastilhas, com os seus medonhos tribunales, com a sua policia violenta e atrabiliaria, com os seus carrascos insensíveis e ferozes... Pois não tentaram resolver o problema social exilando os seus propagandistas n'uma ilha solitaria, em meio do Oceano embravecido!? Como se elles tivessem o direito de privar alguns de todos os thesouros, de todas as maravilhas accumuladas no decorrer dos seculos pelos nossos maiores; — estradas de ferro, telegraphos, machinas, sciencias, artes, industrias etc. Nisso podem é que não consentiremos; porque essas immensas riquezas pertencem a todos, e não desistiremos da partilha.

O anarchista é um aleijão cerebral, é um caso pathologico, como disseste. Porem a sua enfermidade é a sensibilidade extrema. é o amor excessivo, é o desejo tentador de restabelecer a ordem, é a vontade potente de encher de felicidades todos os corações e de alegrar todas as almas. E por ventura essa enfermidade não é boa, generosa, digna? Sim, confessa que ella é seductora e que os que a experimentam chegaram a comprehender que o homem é autonomo e não automato.

E a enfermidade burgueza? Ah! como é asquerosa, repellente, nauseante! É a embriaguez dos sentidos, é o excesso dos prazeres sexuaes, é a animalidade nas suas mais grosseiras manifestações; é o desbragamento das funcções vegetativas, é o comer até á extravagancia de Vitellio com as suas pennas excitantes e seus repugnantes vomitos; é a ambição, é a cubiça, é a avareza, é o saque; sim é a licença, o tripudio e a loucura!

Convem, pois, que isto não é uma doença: são varias molestias minando lhe o corpo, corrompendo-lhe o espirito, apodrecendo-lhe a alma. Portanto para esses viciados, nós os homens fortes e puros, não podemos deixar de ser aleijões, casos pathologicos; porem no teu conceito não! porque tu pensas, porque tu sentes.

O anarchismo é como disseste a ultima consequencia do catholicismo. E nesse ponto, em que estás com a razão, eu não posso senão concordar contigo... Mme. Staël dissera um dia: Durante os quatorze annos da historia da Inglaterra que se pode assemelhar á da França... não ha periodo comparavel aos quatorze mezes de Terror. Que devemos concluir d'ahi? Que nenhum povo tinha sido tão desgraçado havia cem annos como o povo francez. Se os negros em S. Domingos cometeram ainda maiores atrocidades é que tinham sido mais opprimidos. (*)

Demora-te um pouco na leitura das palavras que ahi ficam.

... Porem o Anarchismo não é sómente obra do clero senão de todos os exploradores. Sem acção não ha reacção; e o Anarchismo é a reacção que se ergue das profundezas do pensamento livre, que transborda dos reconditos do coração humano, dos recessos da historia contra todas as espoliações, contra todas as violencias e contra todos os attentados.

Se o padre, como dizes, prega o Anarchismo, eu não sei; mas nem por isso acho impossivel esse proceder. É velha a manobra: quando não podem impedir o desenvolvimento de uma idéa fingem abraçá-la para corrompê-la imprimindo-lhe uma directriz inteiramente favoravel aos seus ignobes interesses. Pois não vemos a padaria e a carolice nacionaes falarem em democracia catholica? Não vimos o papa recommendar, nas

(*) Vide Luiz Blanc.

suas encyclicas, a iniciativa da propaganda liberal e o illustre Dr. Manuel Victorino levantar hosannas ao jesuita a quem exhorta a abraçar a causa do povo? Não vemos, em summa, *organizar-se o socialismo clerical*?

Porem se semelhante tactica conseguiu durante seculos, illudir a boa fé dos povos, retardando o triumpho completo da Liberdade, hoje, eu t'o garanto, já não alcançará os seus malevolos desgnios.

Em 1881, na cidade de Londres, deu-se um acontecimento notavel, cuja referencia se impõe. Não sei se eras então positivista; eu, entretanto, mal balbuciava. Porem... eis o facto: Reunia-se ali e naquella epoca o Congresso Internacional de Anarchistas. Alguns membros reclamaram a favor dos bons patrões e dos bons ricos. A isso respondeu o companheiro Ternevin: "Por espantoso que isto vos pareça, o bom rico e o bom patrão são mais nocivos do que os maus, e são estes que fuzilaremos em primeiro lugar. Com effeito, o mau rico semeia em torno de si o odio, ao passo que o bom leva os ingenuos a desculparem a riqueza. (*)"

Isto que ahi fica é bem significativo e mostra a quanto ascende a prevenção contra os tartufos que, comprehendendo a nossa desconfiança, deixam extravasar a sua irritação pelas columnas da imprensa burgueza. O bom padre, pois, não terá um fim menos digno.

Tu, bom amigo, não fazes mais do que trabalhar para robustecer e perpetuar o ignobil despotismo que tambem te esmaga. Não te faço a injuria de te suppor capaz de uma propaganda consciencie. Mas a verdade é que, na persuasão de que o retrogrado positivismo enfeixa todos os problemas, fortaleces indirectamente o imperio da burguezia como out'ora os heroicos Girondinos, sem o saber, favoreciam a realza e a contra-revolução.

Confio, entretanto na tua excellente intelligencia, na lucidez do teu forte espirito e, por isso, espero e faço votos para que no caminho de Damasco te convertas á *nova fé*.

Eis o que da minha parte tenho a dizer-te.

Teu amigo, admirador e grato.

MAXIMILIANO ROBESPIERRE

(*) A. de Serpa Pimentel (O Anarchismo).

Pois que outros oradores se esforçaram por apresentar os acontecimentos de Barcelona como sendo exclusivamente syndicalistas e não anarchistas, eu quero reivindicar o character nobremente anarchista d'esses acontecimentos como uma gloria do anarchismo.

E. MALATESTA

(Discurso no meeting de 28 de março em Londres).

Sciencia e letras

Importancia da Caridade

Mas, por mais util que seja, a caridade apenas pode ser um palliatio muito pouco eficaz perante a immensidade das necessidades e da miseria. Inevitavelmente submettida ás paixões humanas, a caridade depeude das condições não só economicas, mas ainda sentimentaes do homem; effeito d'uma piedade intermitente ou de caprichos de momento, jamais attinge completamente o seu fim, e impede que poderosos esforços individuaes proporem ás necessidades, visto toda a amplitude do abismo, possam completa-la: e ainda quando o rico pretende, por meio d'ella restituir uma parte ou mesmo tudo o que muitissimas vezes subtrahiu ao maior numero por processos muito pouco honestos, não pode conseguilo; é como se, depois de ter tosquiado um cordeiro, se pretendesse tornar a collar-lhe a lã sobre a pelle; a intenção seria certamente boa, mas esta lã cortada não voltaria a aquece-lo.

As tres quartas partes das miserias escapam, com effeito, ao remedio: e as que podem ser soccorridas são-n'o mal e insufficientemente, sem contar que as despesas administrativas das obras de beneficencia fazem perder o terço das rendas que vão ainda accumular-se nas caixas dos ricos,

emquanto esses institutos continuam, sob o pretexto da caridade, a submeter o pobre á gleba da igreja: foi assim que vi recusar soccorros a uma familia, unicamente porque um dos seus membros lera um jornal que nem mesmo era irreligioso; e é assim que muitas vezes, por um pão, os desgraçados são obrigados a assistir até tres vezes durante o dia ás praticas religiosas, perdendo mais tempo que o que gastariam a ganhar, trabalhando, com que se fartar.

E depois, por mais disfarçada que seja, a caridade fere sempre a altivez humana; ella deixa sem soccorro o que d'ella mais necessita, mas que, sendo mais delicado, sente mais vivamente a vergonha da esmola. Avilta o homem em vez de o levantar, apagando na sua alma todo o sentimento de dignidade pessoal e tirando-lhe toda a iniciativa para lutar e conquistar o seu proprio direito á vida. E, por maior que seja além d'isso a miseria, o egoismo humano é maior ainda; e a caridade é um simples dique de palha que tentariamos baldadamente oppôr ao fluxo trasbordante da miseria e do vicio.

CESAR LOMBROSO

(Le Crime, causes et remèdes)

Para que serve o exercito

Inculca-se assim o seu dever a esses homens. Durante o dia, nas casernas, falam-lhes da segurança da patria, de que elles são os guardas, e dos reinos visinhos cuja cubiça ameaça o territorio, mas á noite collocam-n'os em presença dos verdadeiros inimigos, da plebe ainda susceptível de colera, cujos possivel assalto, cujas formas violentas de reivindicação é preciso prevêr. Que engenhoso mytho o do rival estrangeiro, do adversario hereditario! elle sustenta em parte as nossas plutocracias; graças a elle, chegam estas ao admiravel resultado de mobilisar uma parte da classe trabalhadora contra a outra parte, de forma que, qualquer que seja o desenlace d'uma guerra civil, só os miseraveis lhe supportam o peso e lhe soffrem os effeitos. Todo o esforço dos moralistas, dos philosophos e dos historiadores salarizados concorre tambem para fortificar essa fabula, para embelezá-la; derrama o mestre-escola as suas doutrinas, de modo que os pobres julgam proteger na verdade as suas choupanas que coisa alguma ameaça, e recebendo a esportula, defendem o seu direito a morrer de fome.

BERNARD LAZARE

(Les Porteurs de torches)

Recordemos, pois...

— Ouve lá, Ceschi; seria bom que hoje fosse-mos á Barra-funda, onde os trabalhadores afastados do movimento operario, dedicam o seu tempo e o seu dinheiro aos bailes e...

O caro Vezzani não pode terminar, porque os esbirros de Theodoro de Carvalho, revólver apontado, intimam o tradicional: — Vocês estão presos! Brichanteaux, Somigli & Comp. julgaram aniquilado o anarchismo no Brazil; mas Vezzani e Campagnoli deixamo-nos socialistas e abraçamo-nos mais tarde, anarchistas. Manejando o pincel, Vezzani fóra chamado « o reformador da perspectiva italiana »; e reformador veio a ser, brandindo a pena.

Tinham decorrido oito longos mezes quando em dezembro de 94, um telegramma — como se quizesse comunicar-nos proximas perseguições — dizia nos: *Bimbetti-S. Paulo Hoje chegamos-Felix*. Sobresaltamo-nos de alegria e a hora da chegada do comboio parecia não querer vir, o tempo avançava com um vagar torturante.

O signal de chegada soa, por fim; dois fanaes vermelhos, o rumor lento da locomotiva fazem bater fortemente os nossos corações. Ouve-se então o hymno dos presos, o vagão é tomado de assalto os soldados, de baioneta calada, ficam surpreendidos. Abraçamo-nos estreitamente como se quizessemos comunicar os nossos soffrimentos. Felice, Arturo, Andrea, Galileo, Alfredo e Antonio são os nomes que se confundem com os nossos; e o velho hymno da Internacional:

Solleviamo alta la fronte

irrompe espontaneo do nosso peito.

« L'Avvenire » — o nosso jornal nascido num periodo triste de cega anarcophobia — teve nos sahidos da cadeia um seguro apoio, e o primeiro jornal francamente socialista-anarchico tinha a sua existencia assegurada. (1)

O artista já não era o poeta, mas o sociologo do povo; e os operarios de todos os bairros da cidade receberam da sua boca a vulgarisação da Anarchia.

Era preciso que um socialista (!) Bentó Bueno, o mesmo que dois annos antes, no 1.º de maio de 93, arengára ás turbas, em nome do socialismo, para esmagar a *hydra* — viesse, a 17 de março de 95, apoiado no art. 72 da constituição brasileira, obrigar 16 camaradas nossos a povoaarem durante cinco mezes, a cella n.º 2 da immunda prisão da Luz.



Mas ainda d'esta vez, nem a anarchia, nem os anarchistas foram suprimidos.

Veio a noite de 19 de agosto de 95: tinhamos quasi terminado, uns tres ou quatro, a tiragem do clandestino *Avvenire*; quando uma *farfalla*, entregue por um soldado, nos communicou: «No primeiro comboio levam-nos para... casa do diabo». Desdenhando o perigo, corremos a avisar quantos camaradas pudemos encontrar. Corremos depois á estação, e os queridos amigos, pallidos, arruinados pela humidade e pela falta d'ar, estendemos os braços, sorridentes.

A machina dá o signal de partida; o comboio move-se lentamente; e um grito formidavel eleva-se do vagão que encerra os nossos. E esse grito — á Anarchia — abala os que o ouvem. Aquelles cinco rostos de barba inculta apagam-se pouco a pouco, vão-se esfumando lentamente; e ao surdo rumor da locomotiva faz echo um hymno á liberdade... As nossas gargantas estranguladas não deixam passar, nem notas harmoniosas de amor, nem o grito selvagem do odio. Naquelle momento, os dois sentimentos tinham talvez adquirido em nós equal poder. Mas o primeiro acabou por vencer, e um grito despedaçado, um-Viva a Anarchia! — de esperança e de protesto, desprende-se do nosso peito. Era a saudação aos primeiros martyres da integral liberdade no Brazil. Felice Vezani, Giuseppe Consorti, Arturo Campagnoli, Lodovico Tavani, Andrea Allezoz, eram prepotentemente arrancados aos nossos affectos de amigos e de camaradas, mas a nossa causa conquistara quatro apóstolos e um martyr.

Passaram muitos annos; e as lutas quotidianas pela vida e pela liberdade mataram Beppino Consorti...

Os outros vivem e lutam, isto é: vivem!

A. DONATI

(1) Em 93, publicamos "L'Asino Umano", e, anteriormente já Botti publicara "Gli Schiavi Bianchi"; nenhum d'esses jornaes porem, embora redigidos ambos por anarchistas, teve um caracter puramente libertario. A expulsão do saudoso Botti originou a morte de "Gli Schiavi Bianchi"; L'Asino Umano, esse foi suprimido durante o estado de sitio de 93-94, pelo então chefe de policia Theodoro de Carvalho.

Reminiscencias

II

Rompera a madrugada de 6 de maio de 1898: um ventosinho, refrescado sobre as collinas alpestres, abriu o dia na bella planicie lombarda. O Milão que trabalha dormia ainda; apenas das chaminés das grandes fabricas volutas sombrias de fumo subiam; os fogueiros ennegrecidos tinham atulhado de carvão os ventres enormes dos enormes monstros d'aço; tudo estava prompto nas fabricas: o vapor sibilava nos cylindros esperando que a obra do homem productor regulasse em proveito de todos a sua força cega...

Pelas paredes das casas, tinham affixado manifestos timbrados com o triste escudo de Saboia: chamavam ao serviço duas classes de carabineiros da reserva, e os alistados na primeira cathogoria da classe de 74.

Que succedia na Italia? A patria era ameaçada pelo estrangeiro?... Não! O povo tinha fome...

O inverno d'aquelle anno fôra triste como nunca: folga forçada, miseria, fome, prostituição eram os anneis terriveis da terrivel cadêa de tormentos que estrangulava o povo. Quaes os remedios? Dois: carcere e prostíbulo — um para o homem, outro para a sua companheira.

Na Italia, o pão custava o dobro do que custava na Belgica; os operarios já não sabiam resistir aos seus soffrimentos; muitos dos mais timidos, privados de tudo, cerradas para elles as portas da officina, eram presas do desanimo. Outros, fortes, robustos, desejosos de empregar os musculos, contorciam os braços, diziam-lhes: «Como sois inúteis! ninguem vos quer e no

entanto o mundo precisa de vós... Não tenho que calçar, e o sapateiro não trabalha; não tenho pão, e o padeiro vê-se num ocio forçado e os celleiros estão cheios!... Oh! como é triste o mundo! como é triste! Em casa tenho os filhos nús, tenho os filhos sem pão... Em casa? Mas se o senhorio ameaça atirar-me á rua?... Que fazer?... Morrer... Ah! nós os pobres, os trabalhadores, devemos morrer, como flôres arrancadas pela mão caprichosa d'uma hysterica, e ao cair incensar ainda com as nossas supplicas os instinctos vis dos nossos inquisidores?... Ah! nós devemos morrer? Pois bem! morramos, mas lutando! Ao menos as vossas gazetas não dirão: «um miseravel morreu de fome». Queremos morrer... mas haveis de assassinar-nos bem ás claras, vilmente; o vosso delicto — ó Senhores! — ha-de ser indelevel como a vossa vergonha; os jovens, os vindouros hão-de poder dizer: «Que fizestes dos nossos paes, assassinos? Quereis um sudario rubro, burguezes? Seja: mas quando o nosso sangue o tingir, espera-vos o fim de Hercules.

E assim, naquelles dias de sacrificio, chorava a multidão, assim bramiam a legião dos miseraveis.

Pouco a pouco, a cidade desperta, anima-se. A hora do trabalho approxima-se, o sol de maio expulsa o ventosito refrescado sobre as collinas alpestres... Aqui e alli, operarios lêem surprehendidos os manifestos regios, que os arrancam á familia; um mau humor intenso manifesta-se; e naquelle dia, em muitas fabricas, os monstros d'aço, inutilmente sibilam. E depois tudo correu simplesmente e terrivelmente...

As dez da manhã são presos tres operarios que distribuíram manifestos, incitando o povo á solidariedade. Então, dos dois mil operarios tecelões da fabrica Pirelli, poucos vão para o trabalho. Em frente d'esse estabelecimento, organisa-se uma demonstração. O Comendador Pirelli tenta arengar aos operarios: é recebido com assobios e pedradas. Vem a tropa; os operarios, que protestam, são aggreddidos pela canalha policiesca, reanimada com a chegada dos soldados. Perante este supremo insulto, a multidão começa a arremessar pedras e um operario é morto por um policia, que é immediatamente rodeado pela turba. Acodem os soldados e fazem fogo: mas d'envolta com os operarios mortos e feridos, o immundo reptil da policia cae tambem.

Cessa o fogo. Um grupo de operarios recolhe o primeiro cahido, iça-o para o tranvay electrico que da Ponte Avveso vae á Prazza del Duomo e ahi se fecha, mostrando á multidão horrorisada aquelle corpo inerte que uma horrivel ferida na frente desfigura. D'ahi, atravez da cidade, o grupo encaminha-se para o necroterio.

Da terra ameaçadora vae subindo a noite. Sente-se que alguma coisa de terrivel se prepara... Mas uma chuva torrencial cae sobre a cidade... apagando na calçada o sangue rubro dos martyres...

A' noite, tarde, organisa-se ainda uma imponente manifestação sob a galeria Victor Emanuele; e

os carabineiros effectuam prisões e... mais nada!

Tudo acabado? Não! Na manhã seguinte, os operarios desertam as officinas, em breve um cortejo immenso se forma entre Porta Volta e Porta Venezia, atravessa as ruas. De novo se apresentam os soldados e os policias provocadores, tentando desfazer a demonstração. Nunca o tivessem feito! Num momento, o cortejo divide-se: uns sobem aos telhados; outros fecham carros, trams, carruagens, derrubam-n'os, incendeiam-n'os, constroem barricadas; outros ainda cortam os fios do telephone, do telegrapho, detêm comboios, levantam rails... Todos tomam o seu lugar no combate.

Em Porta Venezia, a tropa é repellida varias vezes, apesar do fogo mortifero dirigido sobre os revoltosos. Os soldados nem as creanças poupam; um pequenito, que vae a sahir da escola, é morto por um sargento de carabineiros, cae com o craneo partido por dois tiros de revólver. Dois operarios recolhem a substancia cerebral d'aquelle innocente, presa aos cabellos, e levam os miseros restos pela cidade toda. E' horrivel; um estremecimento abala todos os corpos... E a onda da ira sobe, o trabalho é abandonado em toda a parte e de toda a parte se corre a abraçar os rebeldes. Num relampago, de todos os cantos surgem barricadas; dos telhados um diluvio de pedras, de tijolos chove sobre a tropa... Uma fusilaria continua atroa os ares.

No cimo da torrinha da Porta Ticinese um operario morto, a cabeça pendente, serve de alvo aos soldados, sedentos de sangue, na phrase de Gustavo Chiesi, o director da «Italia do Povo».

O medo apoderou-se dos officiaes que commandam o fogo incessante, ao grito de *Avanti Savoia!*... E muitos d'aquelles valentes — que valentemente fugiram na Africa deante do inimigo armado — matam creanças e mulheres.

Os mortos cobrem a terra; são sem conta. As ambulancias funcionam como em tempo de guerra, a Cruz Vermelha é insufficiente para transportar feridos.

Por tres dias, o choque se prolonga, terrivel, ululante, sangrento. Não basta a espingarda: entra em scena o canhão. É d'um lado uma immensa multidão que se revolta contra infamissimos ultrajes; é do outro lado um exercito, amedrontado, tomêdo de convulsões, que mata só para matar...

E a luta continua. Em Porta Monforte os soldados de Humberto assaltam o convento, temendo que ahi estejam escondidos os estudantes de Pavia. Encontram mendigos: matam uns e prendem outros. E depois, presos tambem os frades, como mais ninguem resta para matar, matam porcos!

Ah! para contar tudo, para contar todas as infamias commettidas nesses dias pelos soldados de Humberto, um livro não bastaria, seriam precisos grossos volumes, muitas paginas sangrentas e dolorosas... Ao lado de Bava Beccaris, Han d'Islande é apenas um cordeiro inoffensivo.

E nos tribunaes? Aquella testemunha — ou antes aquelle espia, aquelle Prima, dotado d'uma ubiquidade maravilhosa,

fazendo condemnar centenas de individuos, que elle viu, á mesma hora, no mesmo dia, em logares distantes uns dos outros muitos kilometros... Esse mouchard que obtem do tribunal caserneo illimitada confiança...

Aquelle Bacci, o accusador, que uiva:

— Elles são anarchistas e confessam-n'o; são tristes apóstolos do odio e da vingança social; gente cheia de astucia que não deixa vestigios dos seus crimes. Condenando-os, ninguem se engana...

Ah! quelle Bacci!...
...Condannandoli non si sbaglia...

E... o tecelão de Prato... enganou-se?

A. CERCHIAI

EPHEMERIDES

MAIO 12 (1901) — Muitos anarchistas presos em Barcelona, porque haviam tomado parte activa no movimento grevista, são conduzidos a bordo do couraçado Pelayo. 20 (1901) — Em Nova York, declaram-se em greve 50 000 machinistas. 21 (1894) — É guilhotinado em Paris, Emilio Henry. 21 (1901) — Suicidio (?) de Gaetano Bresci no presidio de S. Stefano.

CHRONICAS

Socialismo arte nova — Um sujeito diz-nos d'alli, de S. José do Rio Pardo que o socialismo «em si mesmo considerado, quanto aos fins e aos meios que se propõe para attingir esses fins» (?) não é *subversivo* (é d'elle o grypho). Depois, uns homens do Rio proclamam aos quatro ventos que da «prosperidade dos patrões só beneficios podem esperar os que trabalham para ella» etc. (ver a carta do Queiroz, no numero passado). E de Ribeirão Preto, um bacharel declara-nos que, como socialista que é, não consente que se toque na integridade da patria, nem nos principios naturaes e divinos do sagrado direito de propriedade privada, affirmando-nos outro, não menos bacharel, não menos gracioso e socialista, que não se deve tirar da cabeça do povo os sentimentos patrioticos e o respeito pela propriedade, sobretudo neste momento em que a fraqueza do governo acaba de entregar um pedaço da patria aos estrangeiros!... O Acre, meus senhores!...

Socialistas! Bem diziamos nós que ha quem se apodera do qualificativo, para melhor lhe deturpar o sentido. Mas porque não adoptam outro qualquer? Ha tantos! Por exemplo: *pandegos*... É isso: pandegos fica-lhes a matar...

E se esse não serve, est'outro: *charlatães*...

Curiosos... — Ha gente muito curiosa! D'um lado e d'outro nos dirigem esta pergunta: — Como é que o *Avanti!*, embora sollicitado, não diz uma palavra para rectificar a passagem do discurso de Prampolini, que ha tempos reproduziu do «Resto del Carlino»? Perguntam uns: será esquecimento? Interrogam outros: será má-fé?

Ora o que ha-de ser?! Os amigos do *Avanti!* não lêem *O Amigo do Povo*. Nisto estamos d'acordo com Ramanzoni. Não vale a pena ler uma folhasita, cujos redactores cahem na tolice de dizer verdades perigosas, pagando ainda por cima, em vez de lhes pagarem...

Conferencia — O camarada Cerchiai realisou no dia 11, domingo, uma conferencia sobre o thema: — *Cosa vogliono gli anarchici?* — O local designado nos convites impressos era o terreno pertencente ao Palacio Penteadado; mas o proprietario quiz tambem ajudar a deter a marcha da idéa: telephonou aos inquilinos que os poria no olho da rua, caso elles permitissem na sua propriedade uma conferencia anarchista, isto é, contra o sagrado direito de propriedade...

Apesar d'isso, bastantes amigos dirigiram-se para um outro logar e ahi ou-

viram com agrado o Cerchiai, que terminou o seu discurso incitando-os a trabalharem energicamente pela causa.

Convite — Esta redacção foi convidada a assistir ao sarau literario-musical que se realizou no dia 13 no theatro João Caetano, em Amparo. Foi-nos impossível comparecer ou fazer-nos representar.

Agradecemos o amavel convite.

Uma cilada — No dia 19, p. p., á noite, foram traçoicamente agredidos, no Bom-Retiro, os camaradas Boni e Musini por uns individuos que, ao principio, com espanto nosso, nos disseram serem anarchistas o que, como nos asseguraram, é felizmente falso. Protestamos contra a estúpida violencia.

Movimento Social

Brazil.

S. Paulo — Domingo, 11 do corrente, á noite, realizou-se uma festa dançante na Liga de Resistencia entre operarios sapateiros e annexos. Concorreram numerosos socios, achando-se bem representado o elemento feminino. Para o magnifico exito da festa, que se prolongou até á madrugada, contribuiu eficazmente o Circolo Mandolinistico «Giuseppe Silvestri».

Á meia noite houve uma loteria humoristica com bellissimos premios, terminada a qual o socialista A. Bertolotti, a convite de varios socios, disse algumas palavras, lembrando a todos os operarios sapateiros a necessidade de se unirem, inscrevendo-se na Liga de Resistencia, que trabalha pela conquista dos melhoramentos de que a classe necessita.

No mesmo dia effectuou-se uma reunião para lançar as bases d'uma sociedade internacional entre trabalhadores de artes decorativas, ficando eleita uma comissão de estatutos.

O grupo *Nuova Civiltà* reúne todos os sábados, ás 8 horas da noite, na sua sede, que — recommenda-nos o grupo que frisemos — é na *Rua Libero Badaró n. 82* (e não 83, como, por engano, sahiu no passado numero do «Germinal»).

O *Circolo Educativo Libertario «Germinal»*, (com a redacção e administração do periodico socialista-anarchico do mesmo nome) transferiu a sua sede para o n. 136 da rua Solon. No dia 19 a escola racionalista libertaria iniciou o curso nocturno. Para esclarecimentos e adhesões, dirigir-se á sede do Circolo, das 8 ás 10 da manhã, da 1 ás 3 da tarde e das 7 ás 9 da noite.

Sabado, 17, reuniram-se diversos camaradas para lançar as bases d'um circolo philodramatico «Progresso», cujo fim será contribuir para a educação libertaria da mocidade por meio do theatro. Um grupo, que se encarregou dos trabalhos preparatorios, reunir-se-á amanhã, 25, ás 2 1/2 da tarde, no n. 49 da Avenida Tiradentes (Ponte Pequena; em frente á pharmacia), appellando para a boa vontade de todos os camaradas que julguem proveitosa a sua iniciativa.

Argentina

Buenos-Ayres — Eis os pontos principais discutidos pelo Congresso Operario (2.º) reunido nesta cidade nos dias 19, 20 e 21 do mez passado, e as suas conclusões:

Commemoração do 1.º de Maio; diminuição de horas de trabalho; guerra ás agencias de collocacões; abolição do trabalho nocturno; augmento dos salarios; guerra ao militarismo; guerra ao trabalho nos carceres, emquanto não seja mais bem remunerado; fundação da Bolsa de Trabalho; publicação d'um diario; propaganda da greve geral; emprego do *boycottage* e *sabotage* como meios de luta; redução das rendas de casa; guerra aos circulos catholicos de operarios; creação de escolas de ensino livre; combate contra a embriaguez e todos os vicios embrutecedores e fomentadores da criminalidade; organização das mulheres ou sua admissão gratuita nas actuaes sociedades de resistencia; organização dos trabalhadores agricolas.

Todas estas resoluções serão minuciosamente expostas em folheto.

Hespanha.

Em **Valencia** realizou-se um comicio de protesto contra a obra policieira de certos socialistas, sobretudo de certo Martinez Andreu, que, por occasião da greve geral, esteve nas ante-salas do Governo Civil, fazendo denuncia.

O grupo de **Cordova** «El Exterminio del Privilegio» mudou o seu endereço para — Joaquín Ruiz Mena, calle Badanas, 15, Córdoba. — Deseja relacionar-se com os demais da Hespanha e dos outros paizes.

Appareceu em **Cadiz** o periodico «El Proletariado». Endereço: Sagasta, 41, 1.º.

França.

Em **Vienne** (Isère), declararam-se em greve 6000 tecelões, reclamando a conservação dos salarios. Durante uma manifestação, a tropa ao serviço dos capitalistas interveio, resultando varios feridos, dois dos quaes, ao que parece, bastante seriamente. Seguiram-se varias prisões — não dos patrões que recusam applicar a famosa lei... social com as suas consequências, mas de operarios que tinham tomado parte em manifestações. Depois d'isto, vieram as condemnações a penas, variando de 20 dias a 6 meses de cadeia.

Em **Roubaix**, o trabalho recommençou na maior parte das officinas; em algumas, nas condições antigas, em muitos com diminuição de salario.

Em **Reims** onde a greve era quasi geral, o trabalho foi retomado num grande numero de officinas, não obtendo os operarios satisfacção; antes pelo contrario, em muitas casas, alguns d'elles foram despedidos por motivo de greve.

Em **Lyon**, houve tambem algumas parades, á mistura com tumultos bastante serios.

Em **Aubenas** e nos arredores, o trabalho recommençou sem condições: uma derrota para os trabalhadores.

O mesmo succedeu em **Limoges** onde os operarios retomaram o trabalho nas antigas condições.

E ahí estão os beneficios e os resultados da bella lei de... protecção do trabalho. Proveito para os patrões; para os operarios... uma ensinadela...

Em **Marselha** formou-se um grupo libertario internacional, que deseja relacionar-se com os seus congéneres. Endereço: Victor López, rue Benard du Bois, 39 — Marseille.

¡Guerra! ¡Guerra!

En este mundo en donde los poetas y los escritores cantan los beneficios de la sociedad, nosotros pobres obreros, vivimos como una especie inferior.

En este mundo donde cantan la igualdad, estamos reducidos en envidiar la suerte de los perros de nuestros dueños. Desgraciadas victimas de una organización viciosa, sentimos ¡ay! duramente los efectos, nuestras rodillas se doblan y nuestra cabeza se inclina ante los que tienen todo, nuestro cerebro se atrofia y respetamos lo que es injusto, lo que es antinatural. ¡Ah! pudiéramos hacer seriamente la guerra á los Preferidos!!!

Esas ciudades, esos caminos, esos puentes, esas locomotoras, esos barcos, esos carruajes, esas minas y esas construcciones; es hermoso ese trabajo humano? Esos palacios, esa luz, esos grandes almacenes, esas joyas, esos géneros y esos bellos objetos; son magnificas esas producciones? Esos campos, esas frutas, esas plantas nutritivas, notan al presenciárselas una agradable sensación de bien estar?

Deben ser dichosos los productores de todas esas riquezas! Oh! inmensa injusticia de la sociedad, esos productores, somos nosotros, sí, nosotros desgraciados viviendo en miserables chozas, nosotros los cuales el injurioso salario no nos dá lo suficiente para vivir, nosotros que no sabemos como comerán nuestras familias la semana próxima, nosotros en fin que seremos, casi todos, presidiarios hasta la muerte.

Despojados todos en nombre del Capital y de la propiedad decimos: — **¡Guerra á los Preferidos!**

¿Necesitaremos pues vivir siempre de esperanzas, nada más?

Los hombres deberían disputarse, robarse, matarse, cuando la tierra produce más de lo necesario para todos, deberían organizarse de un modo tan estúpido que algunos tienen todo y los demás nada?

Sentimos bien que la causa del mal estar general es la idea de la posesión; engendra este instinto brutalmente egoista que caracteriza el espíritu burgués, ella es la que crea ricos y pobres, cosa monstruosa. ¡Maldito sea el regimen de la propiedad que deshace en todos los individuos todo sentimiento humano! **¡Guerra á los Preferidos!**

Quisieramos bien tomar nuestra parte de bien estar, nosotros los productores, estaríamos dichosos de tener libremente nuestro sitio en el banquete social por que á pesar de nuestra pobre y embrutecida educación, no podemos acostumbrarnos á una muerte tan miserable; pero la Autoridad desvela, cumple con brutalidad, con crueldad, sus funciones de guardiana protectora de la propiedad, de los principios, de las iniquidades sociales y de todo lo que divide la humanidad en explotadores y en explotados.

¡Maldito sea el regimen de Autoridad, que viene á embrutecer los hombres y los hace volverse una majada de ovejas prontas en dejarse trasquilar!

Pero somos el número y por conseguinte la fuerza; si nos volvemos más conscientes, si tenemos conocimiento de las leyes naturales, los llanos y viles politiqueros, no podrán más adormecernos con sus reformas y discursos; las sombras negras del clericalismo de todas las religiones no llegarán más á persuadir que un buen Dios imaginario nos condene por toda la vida á un duro trabajo, mientras que ellos, que esos seres reptiles, inteligentes para no esperar el bienestar en el paraíso, se lo aprovechan en la tierra sin hacer de sus brazos ó de sus cerebros ninguna cosa útil á sus semejantes.

¡Malditas sean las religiones todas que lleban á los hombres á esperar idiotamente el bien estar en otro mundo en vez de asegurarlo para todos en esta vida!

La libertad no es más que una palabra. Poco nos importa la palabra: queremos la cosa y los modos de ejercerla. Si la propiedad no existiera, si la autoridad no dividiese los hombres en dos campos, el de los astutos que gobiernan y de los pobres que se dejan gobernar, sin apercibirse que viven á costillas de ellos, si en fin fuéramos verdaderamente libres nos sentiríamos vivir. El corazón gozoso, no teniendo entre nosotros ni dirigentes ni poseedores, nos estimaríamos los unos á los otros, una solidaridad más verdadera existiría; instrumentos de trabajo, obras de ciencia, usinas, minas, campos, servirían para todos; las máquinas de todas clases aprovecharían para todos y disminuirían las penas de producción; asegurados de la satisfacción de nuestras necesidades, saberíamos vivir sin autoridad, sin guardias civiles, sin cárceles, sin bayonetas, y nos entenderíamos todos para tomar una medida indispensable al bien estar general.

Pero para llegar á un estado social más conforme á las aspiraciones y á las reales necesidades de individuos, es preciso obrar despues de tener la convicción de la necesidad de una pronta transformación social, es necesario trabajar para hacerla participar á los otros individuos de la comunidad en general, y al terminar contra la explotación del hombre por el hombre, cumpliendo así con los principios de la *Fraternidade Universal*.

JUAN BAUTISTA PEREZ

I cappelli della fabbrica di Mantò, Serricchio & Comp. sono di pessima qualità, essendo fabbricati da operai incapaci.

Non li comprate.

Parla l'Operaio

I magnati italiani al Brasile e il lavoro

«Il lavoro e l'onestà, furon le loro doti principali, poichè, se non nella totalità, certo, il maggior numero, questo esercito di prodi, che rende glorioso il nome della nostra cara patria, emigrarono al Brasile senza il becco d'un quattrino e privi della più elementare istruzione.

«Si deve quindi alla loro attività, al loro operosità, al loro, seppure conquistarsi nella società, posto d'onore in cui si trovano.

«Ed il patrio governo, che così di rado ricorda i nostri buoni, ha voluto dare segno di stima ad alcuni dei nostri biografati, nominandoli cavalieri».

Si può in qualche modo cambiare la forma di quello che più sopra abbiamo scritto, ma la sostanza è proprio quella che i giornalisti italiani al Brasile dicono nei loro almanacchi di quei fortunati Mortali, che col sangue e col fuoco, hanno saputo raggranellare dei buoni gruzzoli di denaro.

Ed i magnati si crogiolano beatamente negli allori si facilmente raccolti, fino a che il ginocchio di borsa — che hanno la pretesa di poter tastare — od i costosissimi ritrovi del *high-life*, non si trovino trascinati vertiginosamente al fallimento doloso, od alla fuga.

Ma sempre, anche allora, come per salire, lasciano dietro a se un'esercito di vittime; e le vittime son sempre io stesse. Sono coloro che ebbero la dabbenaggine di darle in custodia quei pochi risparmi, vero, sí, vero frutto di onesto lavoro; di inenarrabili privazioni.

Per provare a base di cifre irrefragabili come giustamente i nostri grandi conazionali, col frutto del proprio lavoro, hanno potuto raggiungere la loro posizione invidiabile, ed accumulare un patrimonio che il più delle volte raggiunge la vistosa somma di 500.000\$000 di réis (oggi L. 600.000 daremo ai lettori una statistica dei lavori e dei guadagni remunerativi che si hanno in questa benedetta terra promessa.

E' bene notare che la maggior parte dei nostri magnati, hanno dovuto passare dalla trafilla dei lavori manuali (sfido io, sono quasi tutti analfabeta e che qualche anno fa, i lavoratori erano pagati con la metà di quello che percepiscono oggi. Cominceremo dalle fornaci di mattoni.

Un lavoratore di fornace, quando lavora in giornata, percepisce réis 3\$400 al giorno. Réis 3\$400 al giorno, è la paga maggiore per le fornaci di S. Paolo e dintorni; p. e. Ulisse di S. Biagio; Turchino e tutte le altre *olarias* che vanno fino alla Conceição dos Guarulhos, pagano fino a réis 3\$200 ed i più delle volte in generi alimentari aumentati del 25 o/o sul valore della piazza.

L'operaio, s'alza con le stelle; ha un'ora di riposo alle 10 ant.; un'altra alle 2 pom. e fino al nuovo apparire delle stelle, deve restare sui *terrieri* o sotto il forno.

Dato le condizioni atmosferiche di S. Paolo, l'operaio che deve lavorare allo scoperto, non può far più di 18 giornate al mese. Giacché se ne può fare 28 nella stagione cosiddetta della secca, nella stagione delle piogge qualche volta non ne fa 10.

Chi scrive queste linee, può provarne tutta la veridicità, avendo per 13 mesi vissuto della vita di questa classe di lavoratori.

Dunque: giorni 18 per 12 mesi — a giornate 216; le quali giornate, moltiplicate per réis 3\$400 (met-

tiamo il massimo) abbiamo per totale réis 734\$400.

Dato dunque che uno di questi disgraziati paria non abbia ad incontrarsi in qualche accidente, guadagna in un anno la cospicua somma di réis 734\$400.

Non staremo a dimostrare quanto può spendere un lavoratore pel proprio mantenimento. E' un fatto così difficile a determinare che preferiamo trascurarlo.

Un giorno il compianto amico e compagno Galileo Botti, fece la storia del «mil réis» e nella conclusione era dimostrato che per vivacchiare, ad una famiglia, ce ne occorrevano almeno 7 tutti i santi giorni che marcava il calendario gregoriano.

Però tutti viviamo in conformità dei mezzi che disponiamo, ed appunto per questo, non crediamo dir buggerate dichiarando che il fornaciario per far servire al proprio mantenimento il lauto guadagno, deve privarsi per sistema di tante e tante cose indispensabili al proprio sostentamento.

(Continua). **ROMI Ceschi**

Acta, non verba

Il gruppo anarchico la *Nuova Civiltà* previene i compagni che nella prima quindicina del prossimo Giugno, metterà in circolazione l'opuscolo «Fra Contadini» di E. Malatesta.

Con quest'opera il nostro gruppo inizierà una serie di pubblicazioni libertarie per concorrere al grande movimento rivoluzionario che agita in quest'epoca le coscienze più pure, della grande legione lavoratrice.

Quest'edizione del «Fra Contadini» verrà riprodotta su quella riveduta dall'autore e pubblicata in Londra nel Dicembre 1890 per cura dell'«Associazione». Noi però, abbiamo pensato che quest'opera che ha circa venti anni di vita non rispondente in certi punti ai criteri della moderna filosofia libertaria e per ciò l'abbiamo annotata in quei punti che ci pareva necessario.

Lo scopo precipuo del gruppo sarebbe di estendere la propaganda anarchica nelle officine, in questi ergastoli industriali dove l'operaio passa i suoi giorni fra il dubbio della vita e della morte; ma vieppiù di estenderla nelle *fazendas* dove miseri lavoratori mancanti d'ogni necessario sudano da mane a sera in balia degli istinti bestiali dei *fazendeiros* rapaci.

L'intenzione nostra sarebbe che gli opuscoli venissero distribuiti *gratis pro deo* agli operai della gleba e dell'officina mettendo così i compagni nella via del sacrificio addossando in parte ad essi e a noi il carico della pubblicazione: via unica da cui si possa sperare un frutto certo e meritato.

Gli opuscoli saranno messi in vendita ai compagni al prezzo di Rs. 1000 per ogni 12 copie, e dovranno esser da loro distribuiti *gratis* fra coloro che aspettano nel dubbio e nell'ignavia.

I compagni che desiderassero concorrere coi fatti ai doveri della vita rivoluzionaria possono da ora mandare le loro richieste col relativo importo, più le spese postali all'indirizzo del gruppo — *Rua Libero Badaró n. 82* — S. Paulo.

Per il gruppo la «Nuova Civiltà» — (fatti e non parole). — **Tobia Boni**.

Noi siamo convinti dell'utilità di questa iniziativa bellissima e la raccomandiamo caldamente a tutti i compagni. Dal punto nostro, desideriamo il nostro aiuto, come siamo certi che nessuno convinto veramente del Grande Ideale gli negherà il suo.

N. d. R.

Gruppo S. A. "O Amigo do Povo,"

I compagni che hanno a cuore il buon andamento del giornale, sono pregati d'intervenire alla riunione che il gruppo terrà Domenica 25 corr. alle ore 2 pom. nel solito locale: Cambucy caminho do Ypiranga 9 — e dove si discuteranno cose inerenti alla propaganda.

I volenterosi non manchino. —

Liuros e folhetos

Vendem-se nesta redacção:

«A Sociedade Futura», por Jean Grave... 3\$000
Pelo correio, registrado... 3\$500
«Carta a Pio VII», por Talleirand... 500
«Entre Camponezes», por E. Malatesta... 400
«A minha defesa», por J. Etiévant... 300
«Escravidão antiga e moderna», por E. Araña 500
«A moral anarchista», por Kropotkine... 500

Excellentes traducções

No Rio de Janeiro, vendem-se, alem d'essas obras:

«Germinal», por Emilio Zola... 3\$000
«Determinismo e responsabilidade», por A. Hamon... 1\$500
«A Igreja e o proletariado», por H. Salgado 400

Pedidos a J. Motta Assumpção, rua dos Invalidos 24 (Villa Ruy Barbosa).

Esta redacção encarrega-se de mandar vir do Rio ou da Europa qualquer obra de orientação libertaria, pagando o comprador as despesas do correio.

Em Lisboa, alem de todas as obras citadas, vendem-se:

«Autopsia á Biblia Sagrada», de H. Salgado, moeda forte... 100
«A Ideia», discurso do dr. Bernardo Lucas, no tribunal... 40
«Os crimes de Deus», por Sebastião Faure 20
Pedidos a A. E. Dias da Silva, pateo do Martel, porta n. 2.

PICCOLA POSTA

Porto Alegre — Fias. Abbiamo ricevuto e consegnato. Segue il resto.

Conchas — A. S. Sta bene.
Ribeirão Preto — C. T. Dopo quanto abbiamo pubblicato, la tua è fuor di luogo. La puoi unire ad una prossima corrispondenza.

Por falta de espaço, reservamos a **Subscrição voluntaria** para o proximo numero. No dia 20 ficou em 414\$980 réis.